

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

**A RESISTÊNCIA INDÍGENA POR MEIO DO INGRESSO EM
UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO AMAZONAS**

PARINTINS – AM

2019

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

A RESISTÊNCIA INDÍGENA POR MEIO DO INGRESSO EM UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO AMAZONAS

Anne Kethleen Baraúna Barbosa¹

Mary Tânia dos Santos Carvalho²

RESUMO

Neste estudo, discutimos a educação superior voltada aos estudantes indígenas que ingressaram em universidades públicas do estado do Amazonas, particularmente no município de Parintins, nas IES, UEA e UFAM. Com o objetivo de perceber se a entrada dos estudantes nessas instituições pode ser considerada um modo de resistência indígena. Para estruturar o trabalho, utilizamos a pesquisa bibliográfica com o intuito de compreender a questão intercultural e pluriétnica que se coloca em face à educação indígena como forma de resistência e empoderamento. Nos apoiamos na abordagem qualitativa, tendo como técnica de coleta de informações a História Oral temática, aplicada a três colaboradores/estudantes indígenas das respectivas universidades, sendo os três pertencentes à etnia Sateré-Mawé. Os resultados mostram um olhar lento para a sensibilidade frente ao tema das diferenças culturais, de modo particular para os indígenas que almejam uma educação intercultural e pluriétnica.

PALAVRAS CHAVE: Educação Indígena; Interculturalidade, Universidades Públicas.

¹ Acadêmica Do Curso De Licenciatura Em História Da Universidade Do Estado Do Amazonas – Centro De Estudos Superiores De Parintins. Email: annek.barauna@outlook.com

² Professora Assistente do curso de Graduação em História na Universidade do Estado do Amazonas – Centro de Estudos Superiores de Parintins – UEA/CESP. Doutora em Educação em Ciências e Matemática pela Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática REAMEC/UFMT – MT – Polo UEA. Email: marytania-sc@hotmail.com

AGRADECIMENTOS

Há tantas pessoas que eu gostaria de agradecer, mas levaria muitas e muitas páginas, por isso, primeiramente agradeço a Deus, pois sem a Sua força acredito que eu não conseguiria chegar ao final desta minha jornada.

Agradeço principalmente a minha família que me apoiou em todos os momentos, muitos dos quais foi de cunho financeiro, as conversas de incentivo frente as minhas "palavras de desistência". Obrigado por serem a minha melhor parte.

Não posso deixar de agradecer aos amigos que conquistei nesta longa caminhada chamada universidade, obrigado a todos que me ajudaram com palavras de incentivo, com críticas e conselhos construtivos, e torço para que nós alcancemos os nossos objetivos.

E claro, agradeço imensamente aos meus professores, saibam que vocês me ajudaram neste caminho que é a educação, obrigada professores pela paciência que tiveram comigo nesses 4 anos da graduação.

INTRODUÇÃO

A educação ao longo do tempo é um caminho que muitas pessoas escolhem para adentrar nos espaços sociais, políticos e econômicos da sociedade. Contudo, observamos que essa educação não alcança a todos por diversos motivos. Tomada por esse pensamento nos questionamos, como podemos visualizar a educação além de uma mera forma de ensinar? Por que não ver a educação como luta, como resistência? Por exemplo, muitas pessoas das chamadas classes minoritárias³, veem a educação como forma de mostrar que são sujeitos capazes de construir um futuro melhor, do que aquele imposto a eles pela sociedade.

“A questão de como educar as novas gerações permeia as preocupações da humanidade ao menos desde o início do processo civilizatório” (GUEDES; DEPIERE, 2006, p. 313). Como o estudo da História nos mostra, a educação brasileira passou por diversas mudanças, além de contribuir com mais oportunidades para que estudantes de matrizes indígenas e outras minorias pudessem adentrar em escolas ou universidades.

O foco deste estudo aborda a educação superior voltada para o indígena, cujos objetivos, pautaram em questionamentos e curiosidades sobre a resistência dos povos indígenas na atualidade, como a educação se dá para eles e quais suas opiniões sobre ela. Neste caminho, justificamos nosso objeto de pesquisa, embasado no princípio de que a educação é uma ferramenta para todos os indivíduos e que não deve atender somente uma porcentagem da população, sendo assim, não pode ser excludente ou coerciva.

Ao longo dos estudos sobre as matrizes indígenas, notamos que estes sujeitos, foram deixados de lado, por não se “encaixarem” no modelo europeu e foram somente usados como mão de obra escrava. Esse discurso colonial de “*falta dos atributos da civilização e da cultura letrada europeia*” (FLEURI, 2017, p.280) perdurou séculos depois, deixando resquícios na sociedade contemporânea atual. Porém, não devemos cair no erro de que eram povos passivos como a historiografia oficial brasileira nos mostrou.

Por meio destas janelas de estudos que entrecruzam-se no tempo, podemos observar o percurso das lutas travadas entre indígenas e os chamados “homens

³ Minorias: Subgrupo religioso, social, étnico, cultural, racial que, numa sociedade, é considerado inferior ou diferente do grupo maior (maioria), sendo por ele discriminado, não possuindo seus mesmos direitos ou oportunidades. Dicionário Online de Português: [Sociologia]. Ver <https://www.dicio.com.br/minorias/>.

brancos”. Sabemos que a luta destes povos não se deu de maneira fácil, mas que demandou anos e anos de resistência à opressão colonizadora, e que ainda ocorre na atualidade. A luta por seus direitos e dentro destes está a oportunidade de uma educação intercultural, logo, a seguinte pergunta percorrerá todas as nuances expressadas aqui: O ensino superior para os estudantes indígenas pode ser considerado como resistência por estes?

A chegada das ações afirmativas, que possibilitaram a criação das cotas para estudantes indígenas conseguirem uma vaga numa faculdade, trouxe um sentimento de vitória para as lideranças do movimento indígena. Anos lutando e aos poucos os direitos viriam a ser conquistados, é claro que a luta é contínua, é algo que não se pode parar, porém, agora cabe aos próprios estudantes que irão as universidades lutarem juntos, e nesse caso suas lutas serão através de seus desempenhos nos estudos e na criação de projetos que ajudarão os estudantes indígenas futuros. Além disso:

[...] o conhecimento da cultura e da identidade indígena são necessários para não se incorrer no erro de análises destituídas de um contexto histórico e cultural específico, pois um desafio a ser alcançado pelas universidades e pelos povos indígenas é vivenciar no cotidiano de suas instituições e formações, a construção da identidade a partir das diferenças, e do respeito às diversidades interculturais e pluriétnicas. (ESTACIO, 2011, p. 23)

Nosso caminho metodológico é de caráter qualitativo, percorre as pesquisas bibliográficas e de campo que propiciaram uma compreensão maior sobre o ingresso do indígena na universidade, visto que trabalhamos com o olhar destes estudantes. A utilização deste tipo de pesquisa, tem por intuito explicar o tema proposto, com base em diálogos que possam vir a colaborar com trabalhos acadêmicos posteriores da própria acadêmica.

Nesse sentido a técnica de coleta de informações foram as entrevistas de História Oral⁴, pois elas possibilitam “o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da história’ e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado” (ALBERTI, 2008, p. 155), além de trazer reflexões sobre os acontecimentos no presente. Usamos como nosso recorte, a história oral temática, que na concepção de Alberti (2008) é um recorte onde o entrevistado coloca suas experiências a partir de um determinado tema. Por isso, nos possibilitou entrevistar 2 (dois) estudantes da

⁴ Ver ALBERTI, Verena. História dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

Universidade do Estado do Amazonas e 1 (uma) estudante da Universidade Federal do Amazonas, os três colaboradores pertencem a etnia Sateré-Mawé, e tiveram seus nomes mantidos em sigilo, aparecendo no texto com descritores fictícios: Paulo Silva⁵, Julio Oliveira⁶ e Cecília Lopes⁷.

As entrevistas foram analisadas sob o viés da história cultural, pois, sua narrativa na contemporaneidade nos permite “dar voz às pessoas comuns, histórias de vida, narrativas culturais, sua estrutura e versões que infere sobre a percepção do leitor” (PACHECO, 2008, p. 8). Como também, na “reutilização de Michel de Certeau que estudou as práticas das pessoas comuns, sua criatividade e sua inventividade nas apropriações como ‘táticas’ de manobras no consumo das ideias e objetos” (PACHECO, 2008, p. 4).

Compreendemos assim, que uma análise sob o viés da história cultural, nos possibilitou transitar nas diferentes versões ditas por nossos colaboradores, como também, conhecer suas práticas cotidianas de vivência urbana, a criatividade para se reinventar no espaço universitário enquanto ‘táticas’ de resistência. Por fim, percebemos a importância de dar voz a pessoas comuns, como forma de conhecer a versão dos próprios colaboradores em relação à resistência indígena e como é mostrada para a sociedade. Ou seja, essa caracterização de encontros e desencontros entre o sujeito que sai de sua comunidade para estudar e enfrentar os desafios na dita “cidade grande”, os caminhos percorridos e os obstáculos encontrados, fazem parte de um processo que infere outras narrativas percebidas na estrutura social, muitas delas preconcebidas, dando continuidade à matriz eurocêntrica que envolve os referidos estudantes indígenas.

Contudo, a educação e resistência indígena são campos abertos a interpretações, pois é um assunto que não deve ficar somente em textos acadêmicos, mas deve ser colocado nas pautas dos governos, para que se possa romper com estereótipos e preconceitos em relação a eles. Por isso, temos que respeitar esses povos originários e ajudá-los em suas reivindicações em busca de uma educação pluriétnica e intercultural, como garantia de não incorreremos no erro de colocá-los somente numa categoria, a de “índios”, que possuem uma cultura congelada e atrasada, vivem no passado e que não são brasileiros.

⁵ Acadêmico do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Amazonas – UEA.

⁶ Acadêmico do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Amazonas – UEA.

⁷ Acadêmica do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

1. Considerações sobre os desafios e resistência indígena por participação ativa na vida política do país

A resistência dos povos indígenas ultrapassa os tempos. Contudo, essa resistência, não corresponde somente às lutas armadas, como ainda é colocado atualmente nas mídias, nos livros, ou em qualquer dado relacionado a população indígena, esse tipo de conceito ainda vem do pensamento colonial. A sociedade necessita compreender que os povos indígenas são sujeitos capazes de trabalhar, estudar e de viver além da sua aldeia ou comunidade. Para Fleuri (2017, p. 287) “os povos indígenas brasileiros continuam travando significativas lutas de resistência e por participação ativa na vida política do país”, ou seja, eles procuram outros meios de combater a opressão e por que não resistir por meio da educação?

Assim, a educação entendida como processo dialógico de problematização e transformação das relações socioculturais desiguais e injustas, apresenta-se como um instrumento de luta política dos grupos sociais e étnicos subalternizados ou excluídos no processo de colonização. (FLEURI, 2017, p. 291)

Dito isso, coloco como cerne desse estudo, a resistência dos alunos e alunas indígenas que ingressam na educação superior no Amazonas, especificamente no município de Parintins, onde esta pesquisa foi pensada e realizada, bem como a transformação ocorrida na educação brasileira, desde a entrada do ensino oficial para os povos indígenas através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que possibilitou um leque de oportunidades para estes jovens. Desta forma, o Artigo 78 da LDB dispõe que a Educação Indígena:

[...] desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos: proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas, a valorização de suas línguas e ciências; garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não índias.

É nesse contexto que Fleuri (2017, p. 284) nos mostra que “o diálogo intercultural⁸ crítico com os povos originários implica em desconstruir os processos e

⁸ Para Ribamar Bessa Freire, a interculturalidade nada mais é do que a relação e troca entre as diversas culturas do mundo. Todo bem produzido pelo homem de uma cultura pode ser usado pelo homem de

princípios coloniais e em promover a construção de modos não-coloniais de ser e viver, bem como de poder e saber”. Qualquer pessoa possui o direito a uma educação de boa qualidade, desse modo, não pode ser diferente para os indígenas que queiram estudar em escolas/universidades públicas ou privadas.

Sendo assim, Lázaro e Montechiare (2016) no editorial do livro Caderno do GEA n. 10 intitulado “A Questão Indígena no Ensino Superior”, nos fala que todas estas relações dos povos indígenas com a educação superior e a luta por ela, faz parte das lutas que eles travam para que a sociedade e o Estado reconheçam seus direitos e assim valorizem a sua cultura e sua linguagem, não deixando que elas se percam. É lutar para que todos compreendam que todas essas ações não são meros favores, mas a busca por direitos como qualquer outro cidadão brasileiro.

É olhar para as resistências atuais de negros, indígenas, quilombolas ou as chamadas classes subalternas de modo respeitoso, não os desmerecendo. Porque estão lutando por seus direitos, que constantemente são retirados, resistindo aos obstáculos postos em seus caminhos e a educação acaba sendo um modo de mostrar sua força. Para Melo (2008), a questão educacional para os indígenas é uma luta que vem sendo somada com outras lutas desde a década de 70, e que por mais desafiador que pareça, aos olhos do movimento indígena, a educação pode ser refletida como um meio de resistência.

Pesquisas no âmbito educacional como as de: (AMARAL, 2016; LÁZARO e MONTECHIARE, 2012; FLEURI, 2017) através de artigos acadêmicos, dissertações e teses de doutorado apontam um crescimento elevado de indígenas ingressando em universidades brasileiras, mas para que eles adentrassem esse campo acadêmico houve incansáveis desafios a serem ultrapassados na conquista por esse direito, pois, sabemos que tanto negros como indígenas, ainda são marginalizados pela sociedade e pelo próprio Estado. As chances de conseguirem o mínimo de formação básica ou acadêmica são bastante pequenas, pesquisas e censos anteriores comprovam essa fala.

Com o sancionamento da Lei Estadual nº 2.894⁹ em 2004, que disponibilizava um percentual de vagas para a população indígena em vestibulares oferecidos pela UEA (Universidade do Estado do Amazonas), abria um amplo caminho de oportunidades para esta população. Então, ao fazer o vestibular o indígena não está resistindo? Não

outra cultura. Ver BESSA FREIRE, J. R. Cinco ideias equivocadas sobre o índio. In: Revista Ensaio E Pesquisa Em Educação. Vol. 01, p. 14, 2016.

⁹ Ver <https://documento.vunesp.com.br/documento/stream/MTAzNzI0>

está lutando pelo direito de ser sujeito de sua própria história? Deixando de ter um papel secundário no processo de modernização e mostrando que o pensamento colonial sobre o indígena incivilizado, necessita ser repensado? Nestes termos, Regina Celestino de Almeida (2010, p. 20) diz que:

[...] importa reconhecer que os movimentos indígenas da atualidade evidenciam que falar português, participar de discussões políticas, reivindicar direitos através do sistema judiciário, enfim, participar intensamente da sociedade dos brancos e aprender seus mecanismos de funcionamento não significa deixar de ser índio e sim a possibilidade de agir, sobreviver e defender seus direitos.

O indígena não deixa de ser indígena quando sai de sua comunidade e vai para a “cidade grande”, ou por querer obter conhecimentos, pois muitos desses alunos, que tomam a coragem de deixar a sua casa e morar em cidades longínquas estão pensando em suas famílias e comunidades. Eles nutrem conhecimentos para que possam ter ferramentas para garantir os direitos que lhes pertence, ingressam em universidades para mostrarem que independente de como são vistos, são protagonistas em seus próprios palcos de vitórias e realizações.

Para Lima (2012), muitos dos trabalhos acadêmicos que se voltam para a questão da educação superior indígena, revelam que um dos motivos que conduzem esses sujeitos em busca de conhecimentos escolares- científicos é justamente para compreender sobre as políticas governamentais que o Estado propõe para as comunidades destes indígenas, sendo fundamental compreendermos que a educação para estes povos está interligada com a necessidade de combater ou lutar por políticas que beneficiem a população indígena, sendo assim, é uma luta para o coletivo.

Pesquisas em sites de notícias¹⁰, site da FUNAI¹¹ e do próprio governo brasileiro¹² mostram que os indígenas não estão à margem da sociedade e apesar de serem marginalizados, sempre buscam meios e caminhos para adentrarem em uma universidade pública ou privada, nada diferente de outro indivíduo que procura uma formação acadêmica. Por isso, as políticas educacionais que os incluem, necessitam ser

¹⁰ <https://guiadoestudante.abril.com.br/universidades/inclusao-de-indigenas-nas-universidades-publicas-aumenta/>

¹¹ <http://www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/4720-cresce-o-numero-de-estudantes-indigenas-nas-universidades>

¹² <https://www.justica.gov.br/news/estudantes-indigenas-ganham-as-universidades>

discutida, não somente por meio de pesquisas acadêmicas, mas pelos órgãos responsáveis pela educação no país.

Se pararmos para refletir, estes estudantes, são os que mais lutam em prol da educação brasileira, porque eles querem que a população em geral, deixe de vê-los como sujeitos sem valor, marginalizados, que deixem os pensamentos impostos desde a época da colonização. Assim, o fato de quererem uma oportunidade de entrar em uma faculdade, passa a ser um desafio para eles e suas famílias, muitos saem de suas comunidades sem conhecer o dialeto das cidades, só falam sua língua nativa, não possuem família na cidade, e por irem nessa busca por conhecimento passam por muitas barreiras e dificuldades.

É nesse caminho de transformações das políticas educacionais, que temos visto diferentes etnias indígenas na luta pela educação e outros direitos, por isso, o Movimento Indígena é “um esforço conjunto e articulado de lideranças, povos e organizações indígenas objetivando uma agenda comum de luta, como é a agenda pela terra, pela saúde, pela educação e por outros direitos” (LUCIANO, 2006, p.59). É com esse esforço coletivo de todos, que os povos indígenas já conquistaram muitos direitos e ainda lutam por outros mais e para que esses direitos adquiridos não sejam retirados novamente.

2. Desafios e resistências como ‘tática’: ingresso de indígenas em universidades públicas de Parintins-Amazonas

Com a elaboração e execução de políticas afirmativas, os indígenas puderam ter acesso a uma educação, desde o ensino básico até o nível superior, nesta seção serão apresentadas e analisadas as falas dos colaboradores indígenas que estudam na UEA e UFAM, e seus posicionamentos sobre a educação superior e se ela se qualifica como um caminho para resistir às demandas sociais que lhes são impostas.

Pesquisar e analisar a educação indígena para este estudo, nos permitiu ver que muitas indígenas confundem resistência com desafios/dificuldades que eles enfrentam, mas não cabe colocar julgamentos e sim uma reflexão de seus posicionamentos quanto a educação superior como resistência. Deste modo, o dicionário online de Português se

refere a resistência¹³ como, uma “ação ou efeito de resistir; de não ceder nem sucumbir”, sendo assim, ao analisarmos as falas dos colaboradores, percebemos que eles ainda continuam com resquícios do pensamento colonial, continuam entendendo seus ingressos nas universidades como uma dificuldade que ainda não foi ultrapassada.

Minha busca por estudantes indígenas foi um caminho difícil, obtive ajudas de outros colegas de curso, alguns familiares que conheciam estudantes indígenas, enfim, nesta minha jornada conversei com alguns acadêmicos indígenas, expliquei a dinâmica do meu trabalho, respondi suas perguntas em relação a ele, mas muitos não quiseram ser entrevistados, muitos não tinham tempo e muitos por vergonha, pois não se reconhecem como indígenas. Contudo, esta minha empreitada, me mostrou muitas coisas que irei relatar ao longo deste estudo, posso entender um pouco mais sobre meus colaboradores e suas experiências na universidade e fora dela, os desafios que eles enfrentaram e continuam enfrentando, para serem reconhecidos e para serem vistos como protagonistas de suas vidas.

Ao colocar a pergunta: a educação superior pode ser vista como um modo de resistência? O nosso primeiro colaborador, estudante da Universidade do Estado do Amazonas – UEA no seu entendimento da pergunta, disse:

Anhã, por causa que... assim, nossos pais sempre falam que agora assim, a gente não tem que depender mais da caça e pesca, porque agora todo mundo tá dando valor ao estudo, né. E é isso, todo mundo tem que estudar, pelo menos fazer uma faculdade e arranjar um emprego, pra poder ajudar os outros também. (ENTREVISTA 1, 2019)¹⁴

A partir desta fala, nota-se como esse estudante vê a educação superior, e como sua visão de resistência parece ser confusa, quando na realidade mostra que ele e sua comunidade estão saindo do lugar pré-estabelecido que a sociedade os colocou, ou seja, em suas palavras podemos observar que os pais incentivam os filhos sobre os estudos, mas sobrepõem este frente aos saberes ancestrais de seu povo, “caça e pesca” reafirmando que a educação livresca, eurocêntrica abre portas para a “civilização”.

Tal ideário demarca vestígios do pensamento colonial inculcido em nossa região, por exemplo:

¹³ Ver <https://www.dicio.com.br/resistencia/>

¹⁴ SILVA, Paulo. Entrevista I. [Entrevista concedida a] Anne Kethleen Baraúna Barbosa. [20/08/2019]. Arquivo mp3.

Desde a chegada dos portugueses e outros europeus que por aqui se instalaram, os habitantes nativos foram alvo de diferentes percepções e julgamentos quanto às características, aos comportamentos, às capacidades e à natureza biológica e espiritual que lhes são próprias. Alguns religiosos europeus, por exemplo, duvidavam que os índios tivessem alma. Outros não acreditavam que os nativos pertencessem à natureza humana pois, segundo eles, os indígenas mais pareciam animais selvagens. (LUCIANO, 2006, p. 34)

Contudo, essas observações e análises trazem um questionamento: será que devemos culpa-los por pensarem desta forma? Nesse sentido Almeida (2010), enfatiza uma explicação para ilustrar os vestígios do pensamento colonial desses pais, intitulado de “O lugar dos índios na história: dos bastidores ao palco”, a autora trilha um caminho desde o processo civilizatório até a contemporaneidade, apontando qual “lugar” os indígenas eram colocados e todo o processo para saírem destes lugares que lhes foram impostos. “Ao invés de vítimas passivas de imposições culturais que só lhes trazem prejuízos, os índios passam a ser vistos como agentes ativos desses processos” (ALMEIDA, 2010, p. 22).

Ainda refletindo sobre a maneira que nosso colaborador diz sobre a educação como resistência e, sobre como os pais incentivam seus filhos aos estudos, trago a contribuição de Barreto ao explicar o ideário destes pais indígenas:

A questão é que, na compreensão dos pais e das mães, a escola era um caminho para uma alternativa de vida com maior prosperidade, pelo contrário, se não seguissemos na escola, continuaríamos com a vida na aldeia, trabalhando nas roças, carregando mandioca, torrando farinha, pescando; atividades de subsistência que geralmente são diárias. (BARRETO, 2016, p. 38-39)

Isso torna claro, como episódios ocorridos no passado, deixam marcas e vestígios naqueles que foram retirados de suas terras, julgados por lutarem contra os costumes ocidentais, que queriam apagar sua cultura, sua linguagem e sua maneira de viver. Deixando para muitos indígenas um sentimento de negação para sua cultura, um sentimento de não querer que as pessoas saibam que é indígena, porque já sabem que vão sofrer preconceitos.

O que nos leva para as opiniões do próximo colaborador indígena quanto à educação superior como um meio de resistir numa sociedade que os excluem e os veem como um povo atrasado. Segundo o estudante indígena:

As pessoas tem isso né, tem esse tabu, mas como tu falou (recordando a fala da entrevistadora), os indígenas que passam pela universidade, a maioria formam, se tu for ver hoje, as pessoas que vieram pra universidade já tem um objetivo traçado, querem se formar, escolheram esse curso porque gostaram e tá aí, a gente tá com um coeficiente acima das pessoas que tem uma base melhor de educação, porque é da cidade, o pessoal se esforça mesmo, a gente procura acompanhar essas pessoas que estão com dificuldades pra ajudar mesmo, tu pode ter muitos amigos aqui, mas se o teu amigo não te ajudar, não tem como tu se manter aqui, perguntar em relação a projetos, tem muitos, aparece muitos projetos que tu tem que concorrer com todo mundo aí e se você não souber os caminhos, é muito burocrático esses projetos, esses editais que saem, tem que ter documentação disso e daquilo e fica muito difícil pra quem vem da área indígena, porque a maioria dos pais moram na área e ele vem sozinho pra cidade, as vezes pedem documento do pai, pede do irmão, da avó, pede do cachorro... e as vezes não tem, não tem como, porque os pais só vem de 2 em 2 meses as vezes pra cidade, e é bem difícil. (ENTREVISTA 2, 2019).¹⁵

Em sua perspectiva, os indígenas que adentram os campos das universidades, abraçam a oportunidade e se esforçam mais por ela, pois quando fazem suas inscrições nos vestibulares já possuem um caminho determinado caso ingressem nas instituições. Em suas palavras, o indígena luta mais para estar estudando já que não possui uma base maior de educação, por exemplo, quem mora na cidade tem uma possibilidade maior de ingressar numa universidade ou escola pública, apesar da educação básica ser um pouco escassa eles ainda conseguem ter um estudo adequado, diferente do indígena que estuda na sua comunidade e onde a educação é mais escassa ainda.

Como vimos, muitos indígenas vêm da comunidade sem saber falar o português direito e sem conhecer ninguém aqui, por isso, é difícil o indígena se manter na cidade, mas muitos acabam fazendo amizades com as pessoas do mesmo curso ou com os indígenas que estão há mais tempo na universidade. E assim, se forma uma rede de solidariedade para ajudar o indígena que está adentrando pela primeira vez o campus de uma universidade, principalmente no que se refere a editais de projetos como PAIC, PIBID e outros que acrescentam a vida acadêmica de qualquer estudante.

Fora o fato de que muitos projetos requerem a documentação do acadêmico, e para o estudante indígena o processo é mais burocrático, pois, muitos vêm sozinhos para a cidade e seus pais ficam na comunidade. É difícil a vinda dos pais para cidade, o que

¹⁵ OLIVEIRA, Julio. Entrevista II. [Entrevista concedida a] Anne Kethleen Baraúna Barbosa. [20/08/2019]. Arquivo mp3.

afeta na entrega da documentação necessária e podem perder a chance de participar de alguns projetos.

Nesse sentido, esses estudantes utilizam táticas de sobrevivência tais como discorre Certeau (1998, p. 97), sobre os jogos entre os “os fortes e os fracos”, estes últimos, “traçam ‘trajetórias indeterminadas’, aparentemente desprovidas de sentido porque não são coerentes com o espaço construído, escrito e pré-fabricado onde se movimentam”.

Por esse caminho, notamos na fala de nosso colaborador que prevalece a coletividade, o estudante nos diz que a ajuda entre os indígenas é muito forte no meio acadêmico, um procura ajudar o outro em qualquer momento de dificuldade, principalmente para aqueles que não conseguem se comunicar porque apenas sabem o dialeto da sua comunidade indígena. Assim, percebemos que:

A crescente demanda indígena pelo ensino superior na atualidade tem diversas origens e motivações. Em primeiro lugar, reflete o processo de interação com o mundo global e uma tendência de incorporação de certos ideais de vida da sociedade moderna. Em segundo lugar, a demanda tem origem no próprio avanço do processo de escolarização cada vez mais crescente dos povos indígenas do Brasil observado nos últimos anos. (BANIWA, 2009, p. 199)

Quando passamos para o terceiro colaborador, uma estudante da Universidade Federal do Amazonas – Ufam do curso de Serviço Social, questionamos sobre a educação superior como um modo de resistência. Sua narrativa também abarca as dificuldades em viver na cidade:

É... bom, eu acredito que a resistência seja por conta das dificuldades que a maioria da população indígena tem em vim da sua, muitas vezes da sua casa, do seu conforto, de onde mora pra enfrentar a cidade que muitas vezes não tem local para morar ou se tem, tem dificuldade de transporte ou até mesmo de comunicação. Então, isso se torna uma resistência, muitas vezes as pessoas acabam desistindo de passar né. Eles passam, mas muitas vezes não conseguem concluir o curso, muitas vezes tentam, mas não conseguem terminar por conta das dificuldades, que infelizmente a gente ainda tem bastante dificuldades de conclusão de curso por conta de várias situações que ocorrem e umas dessas é, a das mais constantes eu acredito que seja, realmente seja local pra se habitar, transporte e se manter mesmo no curso, essa é uma das maiores resistências que nós enfrentamos pra concluir a faculdade. (ENTREVISTA 3, 2019)¹⁶

¹⁶ LOPES, Cecilia. Entrevista III. [Entrevista concedida a] Anne Kethleen Baraúna Barbosa. [03/10/2019]. Arquivo mp3.

Refletindo as palavras da universitária, percebemos que resistência está atrelada ao conceito de dificuldade, por isso, entendemos dificuldade¹⁷ como uma “característica, particularidade ou caráter daquilo que não é fácil; atributo do que é difícil”. E o que pretendemos mostrar neste trabalho é a educação como luta, como um meio de reparar as desigualdades deixadas na sociedade. Pois, “um novo sistema educacional pautado nos pressupostos da interculturalidade e da pluriétnicidade se faz urgente para superar os atuais pontos de estrangulamento do processo de educação escolar indígena” (LUCIANO, 2006, p. 169).

A partir destas entrevistas, refletimos que para muitos indígenas a resistência no ensino superior é vista como uma dificuldade que está sendo ultrapassada, sendo a resistência um conceito que vai além de um mero desafio. Porém, é muito importante refletir os posicionamentos destes acadêmicos a partir um olhar ampliado, sem julgamentos prévios, ou lhes dizendo o que deve ser a resistência para eles, essas são suas perspectivas quanto ao assunto abordado, são suas opiniões e sendo assim, não se pode dizer que é errado.

3. A educação superior em Parintins: posicionamentos sobre diversidade de saberes, interculturalidade, resistência, demográfica e política e cultural.

Sendo um município diversificado, Parintins nos permite refletir a respeito dos múltiplos saberes, a relação entre o universitário indígena e a cidade, além de perceber se existe um diálogo intercultural. Para Gersem Baniwa a,

interculturalidade é uma prática de vida que pressupõe a possibilidade de convivência e coexistência entre culturas e identidades. Sua base é o diálogo entre diferentes, que se faz presente por meio de diversas linguagens e expressões culturais, visando à superação da intolerância e da violência entre indivíduos e grupos sociais culturalmente distintos. (LUCIANO, 2006, p. 50-51)

A LDB (1996) cita no artigo 78, o desenvolvimento de “programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas”, mas essa educação bilíngue e intercultural existe? Como ela se manifesta em Parintins?

¹⁷ Ver <https://www.dicio.com.br/dificuldade/>

Nesta seção, trabalhamos com os posicionamentos dos estudantes/colaboradores sobre a diversidade de saberes, a interculturalidade e os outros métodos de resistência indígena. Desta forma o estudante Paulo Silva quando perguntado sobre a diversidade de saberes e a interculturalidade, nos declara que:

É, na minha opinião, eu acho que tem sim, todos tem. Eu acho que, agora os indígenas estão mais coisa, né... com o pensamento de estudar, né. Por exemplo, lá na comunidade onde eu moro, lá organizaram pra todo mundo vim fazer uma inscrição na UEA, pra poder estudar aqui. Porque, sempre a gente fala que agora a gente tem mais coisa, por exemplo, a gente tem mais indígenas aqui na universidade, né, tem mais apoio. E a cada dia a gente tá procurando mais assim pra facilitar a entrada dos indígenas na universidade. Eu acho que, as chances são boas agora, porque assim, se tu ver tem vários indígenas, assim, onde não existia assim, aqui em Parintins mesmo, tinha outros coisas que faziam só que eram pela Ufam, só que era, não era assim, era de três meses, meu pai fez esse aí. Agora assim, pra cá quando a gente chegou não tinha assim muitos indígenas, agora eu acho que tá tendo mais e isso que dizer que a universidade tá dando mais oportunidade pros indígenas e ao mesmo tempo, os indígenas estão mais de olho na universidade. (ENTREVISTA 1, 2019)

Na perspectiva de Paulo Silva, essa interculturalidade e diversidade de saberes estão presentes nas universidades, na forma de apoios para os estudantes indígenas que ingressam nas universidades e mais chances para que se criem projetos que ajudem outros indígenas.

Ao analisar o modo de expressar seus posicionamentos, mesmo colocando a questão da diversidade de indígenas nas universidades de Parintins e a busca por ajudar outros que almejam o mesmo, vemos que sua maneira de colocar as palavras soam abrangentes, embora este tenha demonstrado nervosismo, seja, pela falta de uma explicação mais adequada da pergunta ou, pelo próprio desconforto momentâneo do acadêmico. Seguindo sua fala, percebemos que há um amadurecimento quanto à resistência política, demográfica ou cultural do povo indígena, saindo do individualismo e abrangendo o coletivo, ao falar que a comunidade se organiza para que vários indígenas venham fazer as inscrições para a universidade.

Já o colaborador Julio Oliveira quando questionado sobre a interculturalidade e a diversidade de saberes, nos aponta sua opinião, com a seguinte fala:

É que assim, a minha posição é, eu sou muito crítico né, porque tem essa interculturalidade, mas nós não temos essa oportunidade entendeu, se fala muito em direitos indígenas, falam muito isso e isso e aquilo, mas muitas das vezes não tem oportunidade. Hoje mesmo a gente vê que ainda, os indígenas, eles ainda tão assim, passando por barreiras, né, que apesar de estarmos no

século 21, mas ainda sofremos preconceito pra aqueles que defendem a bandeira indígena. Logo quando nós entramos aqui, que viemos fazer a inscrição, até mesmo pela UEA assim teve certas barreiras, de quando entrar na sala, as pessoas falam “quem é indígena aqui?” e muitas pessoas indígenas ficam acuadas, com aquele receio, com aquele preconceito das pessoas da sala, e muitas das vezes acontece [...] E acho que esse termo de interculturalidade, ainda continua um pouco difícil pra gente, pra gente se inserir, esse é uma resistência constante, você esta lutando pelos seus direitos de indígenas e defender a bandeira da tua comunidade, da tua etnia e nós defendemos uma bandeira da nossa etnia, a gente não quer que morra a nossa cultura, que tá se acabando, tá se perdendo, apesar de Parintins ser, acho que uma cidade que já foi muito indígena e muitos não se consideram. Mas quando falam que a gente não se insere na história é totalmente mentirosa, porque no Brasil particularmente toda é indígena. (ENTREVISTA 2, 2019)

Observando esta narrativa, reafirmamos as potencialidades de trabalhar com a História Oral, enquanto técnica de coleta de informações, pois, nos possibilitou investigar e saber as perspectivas de cada discente. Por exemplo, diferente do estudante Paulo Silva, o acadêmico Julio Oliveira, informa que a troca de saberes e o respeito às diferenças ainda está muito longe do conceito que os autores propõem para a questão da interculturalidade, não há dúvida que possa existir, mas ainda pouco socializada.

Baniwa em entrevista para Bergamaschi (2012, p.140) cita que “se houver reciprocidade no aproveitamento dos diferentes saberes indígenas e não indígenas na academia, todo mundo ganha com isso”. Não somente na academia, mas observar de modo geral, os saberes que trazemos dos indígenas e que estão incorporados na sociedade brasileira. Estes povos são a base de nossa matriz cultural.

Neste sentido, podemos ver nas palavras do estudante Julio Oliveira, um pouco sobre a resistência cultural, ao citar a sua experiência quanto à luta pela preservação da cultura indígena, além de mencionar o preconceito que o indígena sofre dentro e fora da academia e como a educação passou a ser uma das bandeiras que os povos indígenas levantam, continuando com as palavras do estudante:

Às vezes por meio de brincadeiras, mas acontece, e assim mesmo lá fora, assim é muito visível, muitas pessoas falam “o indígena é preguiçoso”, falam muito isso. E acho que pra quem vive mesmo nas comunidades é totalmente diferente, porque o indígena trabalha, tem sua roça e hoje em dia tá atrás de oportunidades melhores através do estudo, na nossa comunidade, ao qual pertencemos, eu pertenço a Ponta Alegre, área indígena do rio Andirá, próximo ao município de Barreirinha, o quê que nós vimos lá, que sem o estudo a gente não participa das coisas, nós somos negados aos nossos direitos, muitos que entram lá, que tem um estudo só querem se dar bem em cima de nossos parentes, por exemplo, políticos e essas coisas. E hoje não, hoje a gente tá tendo uma visão diferente, muita gente tão entrando na universidade diretamente da comunidade, então a gente tem o exemplo de

escola que é, que é a Escola Agrícola o EISP, que é a Escola Agrícola São Pedro que era dos padres, agora tá em convênio com o Estado, e a maioria dos indígenas que entram na universidade hoje, estudaram lá, tão vindo direto pra cá, diretamente da comunidade, não como eu ou a maioria dos que estudam aqui, a maioria já estuda de Barreirinha, de Parintins mesmo, já tiveram outra oportunidade, mas esses que estão entrando não, tão vindo diretamente da comunidade, raiz, e as vezes até isso atrapalha um pouco, por exemplo a maioria que vem de lá só fala o dialeto sateré e não consegue se expressar muito em português, como a gente que já estudou na cidade, e tem dificuldade né. (ENTREVISTA 2, 2019)

Nosso colaborador Julio Oliveira, ainda demarca os resquícios de viver numa sociedade discriminatória e preconceituosa, vestígios do nosso passado colonial, por isso, “o amadurecimento da sensibilidade para com o tema das diferenças culturais é uma conquista recente. Mas o problema do encontro e do conflito entre culturas é antigo” (FLEURI, 2003, p. 18). A abordagem de Fleuri sobre a conquista recente do amadurecimento/conhecimento das sensibilidades é retratada na fala de nosso colaborador quando este afirma: “hoje a gente tá tendo uma visão diferente” para combater esses males vigentes na sociedade atual. Tal perspectiva, convertida nas palavras de Certeau (1998, p. 98), podem ser traduzidas como:

A capacidade de dividir, mas essa capacidade analítica suprime a possibilidade de representar as trajetórias táticas que, segundo critérios próprios, selecionam fragmentos tomados nos vastos conjuntos da produção para a partir deles compor histórias originais.

Na fala da estudante Cecília Lopes, sobre seu posicionamento acerca da interculturalidade. Diz:

Olha, apesar de Parintins ser uma cidade folclórica né, a gente sabe que é uma cidade de mestiços, de miscigenação, a gente vê que a interculturalidade ainda tá bem distante do que realmente a gente quer que seja, porque infelizmente a gente ainda vê cenas de muito preconceito contra os indígenas aqui. Tem pessoas que querem ser só índio somente no tempo do Festival e quando não é eles acabam menosprezando, achando que ele é inferior, que ele não tem capacidade de fazer o que um outro que se diz não ser, eles acabam menosprezando e diminuindo bastante. Então, eu acredito que ainda falta bastante convivência entre o índio e não índio para que eles tirem essa ideia de que seja melhor, e que não seja capaz, mas que falta ser trabalhado bastante essa ideia de interculturalidade entre o índio aqui na cidade. (ENTREVISTA 3, 2019)

Nesta narrativa, podemos inferir que a acadêmica, acredita que a interculturalidade, ainda requer muito empenho da sociedade para que este conceito seja aplicado de forma a não excluir o indígena no espaço social. Sendo assim, a “educação

deve buscar promover um diálogo intercultural, onde nem as culturas nem as identidades devem ser compreendidas como imutáveis” (MENEZES; BERGAMASCHI; PEREIRA, 2015, p. 18). Em seguida, ouvimos seu posicionamento sobre as outras resistências, evidenciada no posicionamento a seguir:

Bom, a gente sabe que pra entrar nas faculdades a gente conseguiu cotas, não somente os indígenas como os negros né. A gente sabe que tem um total de vagas a ser preenchido por eles, mas a gente muitas vezes não alcança esse total, se são 10, se só 3 ou 4 que conseguem já é digamos que muito. Então, a gente teria que realmente preencher essas vagas e conseguir ir até o final delas, pra que a gente percebesse que o que está sendo destinado a eles esteja sendo realmente usado pra que não fique aquela situação de “tem vagas, mas eles não querem”, “então é eles que não se interessam” pra que seja tirado o que nós já conquistamos durante anos. Que agora a gente sabe que o governo atual, ele quer realmente arrancar tudo que já conquistamos, toda a resistência que os nossos antepassados já lutaram, já morreram, já conseguiram, e ser tirado assim sem luta, então a gente precisa realmente lutar, resistir mesmo pra que esses direitos não sejam arrancados de nós, porque pra gente conseguir novamente vai ser muito difícil ou talvez a gente nem consiga conseguir o que nós já conquistamos, direitos a educação, porque a gente sabe que a educação é o único meio da gente conseguir crescer na vida, conseguir ser alguém, conseguir mostrar pra sociedade que não é qualquer um que consegue, que só o branco consegue, que só o pobre, que só o negro, que todos nós, quem quer, quem realmente quer consegue, quem vai atrás, quem se esforça consegue. Então a gente precisa é... continuar resistindo as crises que vão aparecer para nós, porque vai continuar sendo... o governo tá começando e os tempos vão mudando. Os índios vão perdendo mais a sua vez, as suas florestas, as suas áreas de preservação e eles vão... cada vez vai diminuindo, então a gente tem que realmente se identificar como indígena, lutar pelo que quer e não desistir do que que, continuar resistindo mesmo. (ENTREVISTA 3, 2019)

Para a universitária, os estudantes indígenas em conjunto com o movimento indígena, precisam trabalhar juntos para que os direitos não sejam retirados, pois, com a atual organização política, aquilo que os indígenas já conquistaram através das lutas, pode ser retirado novamente, e que o único meio é continuar resistindo às crises e as demandas que vão surgindo para os indígenas. O contexto destacado pela colaboradora nos remete novamente Certeau (1998, p. 102), quando esclarece que:

as táticas apontam para uma hábil ‘utilização do tempo’, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder. Ainda que os métodos praticados pela arte da guerra cotidiana jamais se apresentem sob uma forma tão nítida, nem por isso é menos certo que apostas feitas no lugar ou no tempo distinguem as maneiras de agir.

Ao tratar principalmente das vagas para indígenas nas universidades, já que a Lei de Cotas garante um percentual de vagas para estes estudantes, a colaboradora afirma resistência na capacidade de continuar lutando, para que esse direito de ter um curso superior não seja retirado, assim como o direito às suas terras, à saúde, o direito de ir e vir, e de desfrutar de mais oportunidades. Nesse sentido:

A luta contemporânea em prol da autonomia defendida pelo movimento indígena brasileiro significa a luta pela emancipação social, política e econômica dos povos indígenas, capaz de tirá-los das péssimas condições de vida a que estão submetidos como resultado de séculos de dominação e exploração colonial. (LUCIANO, 2006, p. 93)

E assim, ao chegarmos ao final desta seção, podemos considerar que as falas dos universitários aqui entrevistados, trazem a ideia de luta visando o coletivo, demonstram em suas palavras a resistência de outros indígenas, desde a comunidade até ao seio do Movimento Indígena, indo muito além do individual. Para Fernandes, Ames e Domingos (2017, p. 72) “a luta pelo direito à educação, assim como os modos indígenas de ser e conhecer, interpõe questionamentos ao caráter eurocêntrico dos saberes legitimados no ambiente acadêmico e nos colocam em posição de vigilância para a defesa desses estudantes”, pois é premente que estes possam concluir o seu processo de formação, sem serem discriminados dentro do próprio sistema de cotas. Neste sentido, faz-se valer uma política pública que repara a discriminação, discriminando aqueles dentro dos próprios espaços receptores por meio das referidas cotas, e ainda, respeitando-se as reivindicações que eles fazem e que lutam para conseguir seus espaços na cidade.

Considerações Finais

Concluído esse estudo, sobre a questão da resistência indígena pelo ensino superior me trouxe uma nova visão e perspectiva, quanto aos indígenas que ingressam em universidades públicas ou em universidades privadas, suas percepções e seu trajeto dentro delas, demonstram todo o pensamento colonial que ainda permanece na sociedade em relação a eles.

Olhar para as resistências atuais, é compreender que o indígena não precisa ser olhado com indiferença, ser taxado como “não indígena” por não estarem nus, ou por

estarem vivendo nas cidades, ou ainda, por usar as tecnologias do mundo moderno. Pensar o indígena almejando a educação, direitos para viver bem, não é diferente dos direitos reivindicados por outro cidadão brasileiro.

Por fim, a ideia de uma sociedade pluriétnica e multicultural, tendo o Estado como responsável por preservar e garantir a diversidade linguística e cultural de seus cidadãos continua sendo uma pauta de luta e observância de seu cumprimento. Pois, a educação é uma tática usada por muitas pessoas para acabar com a desigualdade social que ainda percorre a sociedade.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. História dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. O lugar dos índios na história: dos bastidores ao palco. In: **Os índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2010, p. 13-28.

AMARAL, Wagner Roberto do. Indígenas nas universidades estaduais do Paraná: sujeitos, trajetórias e pertencimentos. In: AMARAL, Wagner Roberto do; FRAGA, Letícia; RODRIGUES, Isabel Cristina (Orgs.). **Coleção estudos afirmativos, 8: universidade para indígenas: a experiência do Paraná**. Rio de Janeiro: FLACSO, GEA; UERJ, LPP, 2016.

BANIWA, Gersem. Entrevista: Gersem José dos Santos Luciano – Gersem Baniwa. [Entrevista concedida a] Maria Aparecida Bergamaschi. **Revista História Hoje**, v. 1, nº 2, p. 127-148, 2012.

BANIWA, Gersem. Indígenas no ensino superior: novo desafio para as organizações indígenas e indigenistas no Brasil. In: SMILJANIC, Maria Inês; PIMENTA, José; BAINES, Stephen Grant. **Faces da indianidade**. Curitiba: Nexo Design, 2009.

BARRETO, João Rivelino Rezende. Veiculação de propriedade intelectual indígena na universidade: um desafio para todos. In: **Cadernos do GEA – n. 10 (jul./dez. 2016)**. – Rio de Janeiro: FLACSO, GEA, UERJ, LPP, 2012 – v.

BESSA FREIRE, José Ribamar. Cinco ideias equivocadas sobre o índio. **Revista Ensaios E Pesquisa Em Educação**. Vol. 1, p. 14, 2016.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

Dicionário Online de Português. <https://www.dicio.com.br/resistencia/> acessado em 19 de novembro de 2019 às 23h18min.

ESTACIO, Marcos André Ferreira. **As quotas para indígenas na Universidade do Estado do Amazonas**. Dissertação de Mestrado em Educação - Universidade Federal Do Amazonas, Manaus, 2011.

FERNANDES, Rosa Maria Castilhos; AMES, Valesca; DOMINGOS, Angélica. Encontros e desencontros das ações afirmativas no ensino superior: as resistências dos estudantes indígenas. **O Social em Questão** - Ano XX - nº 37- Jan a Abr/2017.

FLEURI, Reinaldo Matias. Aprender com os povos indígenas. **Revista Educação Pública**, Cuiabá, v. 26, n. 62/1, p. 277-294, maio/ago, 2017.

FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Maio/Jun/Jul/Ago nº 23, 2003.

GUEDES Lizandra; DEPIERE Adriana. Educação e resistência: relato de experiência. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 311-324, maio/ago. 2006.

LAZÁRO, André; MONTECHIARE, Renata. Indígenas nas universidades brasileiras: estudos sobre práticas. In: **Cadernos do GEA – n. 10 (jul./dez. 2016)**. Rio de Janeiro: FLACSO, GEA, UERJ, LPP, 2012 – v.

LIMA, Antonella Maria Imperatriz et al. A presença de estudantes indígenas na Universidade Federal De Santa Catarina: um panorama a partir do programa de ações afirmativas – PAA/UFSC. **Século XXI, Revista de Ciências Sociais**, v.3, nº 1, p.212-236, jan./jun. 2013.

LIMA, Antonio Carlos de Souza. A educação superior de indígenas no Brasil contemporâneo: reflexões sobre as ações do Projeto Trilhas de Conhecimentos. **Revista História Hoje**, v. 1, nº 2, p. 169-193, 2012.

LUCIANO, Gerssem dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

MELO, Rita Floramar dos Santos. **A universidade federal do amazonas e o acesso dos povos indígenas ao ensino superior: desafios da construção de uma política institucional**. Dissertação de Mestrado em Educação - Universidade Federal Do Amazonas, Manaus, 2008.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. **Mana** 4(1):47-77, 1998.

RESENHA O QUE É HISTÓRIA CULTURAL? - PETER BURKE. Disponível em: http://www.uesc.br/icer/resenhas/historia_cultural.pdf. Acesso em 05/12/19.